

Pedala, cidadão

NOS ATAQUES À PROTEÇÃO SOCIAL DO TRABALHO, PAULO GUEDES INOVA COM SEU IMPOSTO SOBRE A GRANDE POBREZA

por LUIZ GONZAGA BELLUZZO

No sábado 16, o *Estado* informa: “Emprego informal recorde deruba produtividade da economia brasileira”. A reportagem do jornalista Vinícius Neder cuida dos contratempos entre informalidade e declínio da produtividade. Em condições normais, escreve Neder, “quando uma economia cresce e gera empregos – situação que, apesar de toda a crise, vem sendo observada no Brasil –, há mais investimentos em inovação, equipamentos, capacitação, e a produtividade aumenta. Ou seja, cada trabalhador consegue produzir mais com menos horas trabalhadas. Mas o que vem ocorrendo é exatamente o contrário.

O Brasil tem recorde com 41,4% dos trabalhadores na informalidade, 38,8 milhões de indivíduos. As vagas geradas entre 2018 e 2019, quase todas informais, pagam menos e são menos produtivas, com características de ‘bicos temporários’, entre elas empregadas domésticas, vendedores em domicílio, entregadores de aplicativos e vendedores ambulantes, segundo mostra um estudo inédito do Instituto Brasileiro de Economia da Fundação Getúlio Vargas”.

Nas sexta-feira 15, Patrícia Poeta comandou o *Encontro com Fátima Bernardes*. A

apresentadora declamou versos de louvação aos empreendedores que se dedicam aos “bicos temporários”, os mencionados vendedores em domicílio, entregadores de aplicativos e vendedores ambulantes. Poeta comemorou o destemor de um casal que ficou desempregado e resolveu fazer entregas com uma bicicleta. “Isso que é bonito neles, porque os dois poderiam... A gente está falando de desemprego, dos números, e tem falado toda hora... Os dois poderiam estar em casa lamentando que estão desempregados. Às vezes, a pessoa tem muito disso. Quando alguma coisa está acontecendo de ruim com ela, ela tem essa coisa de se vitimizar e não correr atrás, não focar no objetivo... Ela (*apessoa*) acha uma justificativa que ela fala para ela própria, às vezes baseada em uma mentirinha que ela conta pra ela mesma, ou em uma verdade que ela conta pra ela mesma, e ela aceita aquilo e não corre atrás.” A citação é propositadamente longa para demonstrar a pertinência de um velho adágio popular que afirma: “Em rio que tem piranha, jacaré nada de costas”.

O casal liberado do emprego entregou seu destino aos grilhões da incerteza e às cadeias da insegurança, no exercício duro e cotidiano das pedaladas do subempreendedorismo. Quase sempre tornados por suas culpas, esses perdedores acomodam-se às angústias da exclusão, da desigualdade e do fracasso.

Em esgar de “çabedoria” econômica, um alto funcionário do Ministério da Economia justificou o afã de Paulo Guedes em reduzir os encargos trabalhistas e, portanto, o custo do trabalho, compensando a redução da receita com o imposto sobre os desempregados. O sabichão dos mercados disparou: “Assim como qualquer mercadoria, o preço do trabalho cai, a demanda de trabalhadores aumenta”. Imagino que o salário dos trabalhadores deva ser equiparado ao preço das bananas.

A esta altura do campeonato, sinto-me obrigado a recorrer a Karl Marx: “Quando se trata de seu trabalhador, todo capitalista sabe que não se confronta com ele como produtor frente ao consumidor e deseja limitar ao máximo seu consumo, i.e., seu salário. Naturalmente, ele deseja que os trabalhadores dos outros capitalistas sejam os maiores consumidores possíveis de sua mercadoria. Todavia, a relação de cada capitalista com os seus trabalhadores é de fato a relação de capital e trabalho, a relação essencial. No entanto, provém precisamente daí a ilusão – verdadeira para o capitalista individual – de que, excetuando-se seus trabalhadores, todo o resto da classe trabalhadora se defronta com ele, não como



trabalhadores, mas como consumidores e trocadores – gastadores de dinheiro...”

A inovação tributária de Guedes & Cia recebeu a etiqueta que merece: Imposto Sobre a Grande Pobreza. A pretexto de enfrentar o corporativismo e a resistência dos “direitos adquiridos”, os serviços da “racionalidade econômica” propõem o retorno aos padrões primitivos nas relações entre as forças do capital e as debilidades do trabalho. Advogam o encolhimento do sistema de proteção social criado para impedir a desgraça dos mais fracos, o sofrimento do homem comum atormentado pelas ameaças da precarização e do desamparo na saúde e na doença.

Até meados dos anos 70 do século passado as economias capitalistas prosperaram em um ambiente de ganhos de produtividade, sistemas de crédito direcionados para o investimento, aumento dos salários reais, redução das desigualdades e ampliação dos direitos sociais.

Esse circuito virtuoso era ativado primordialmente pela confiança dos empresários, perigosos marxistas, que demandavam crédito para financiar os gastos de operação corrente e de

investimento de seus empreendimentos. Os senhores dos negócios estavam, então, confiantes nos efeitos recíprocos da expansão da renda dos trabalhadores, dos lucros corporativos e das pequenas e médias empresas espalhadas no comércio e na indústria. O circuito da renda e do emprego desenvolvia-se nos espaços nacionais, impulsionando o adensamento das relações entre a manufatura, os serviços e a agricultura.

Nos últimos 40 anos, as práticas financeiras e as inovações tecnológicas

que sustentam a competitividade da grande empresa globalizada detonaram um terremoto no circuito de formação da renda e nos mercados de trabalho.

A opinião convencional circunscreve a culpa à migração das empresas para as regiões onde prevalece a relação mais favorável entre produtividade e salários. Esse movimento, dizem, se associou à robótica, à nanotecnologia e às tecnologias da informação para danar a vida dos trabalhadores nos velhos países ricos e nos velhos pobres, agora mais empobrecidos.

Nesse rol de culpados estão ausentes os chefes do bando. A Lava Jato da globalização ignorou a associação entre concentração e expansão da riqueza financeira, deslocalização produtiva e precarização do trabalho. A fúria concentradora dos mercados financeiros detonou a capacidade de regulação dos Estados Nacionais. Os movimentos competitivos das empresas financeirizadas que impulsionam as cadeias globais de valor executam a abstração da vida, fragilizando os espaços jurídico-políticos nacionais onde se abrigam os mortais cidadãos.

Pedala, cidadão. •

**O MELHOR, COMO
SUGERE UMA
APRESENTADORA
DA REDE GLOBO, É
O DESEMPREGADO
PARAR DE “MIMIMI”
E EXERCITAR
SUA VEIA
EMPREENDEDORA**